

A ESCOLA E A REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES: SEGUNDO O OLHAR CRÍTICO DE BOURDIEU

Sonia Maria do Nascimento¹

Dra. Cláudia Valente Cavalcante²

RESUMO. Este artigo tem como ponto de partida discutir questões concernentes à escola como um locus de reproduções de desigualdades. A metodologia utilizada foi de pesquisa bibliográfica, e esta metodologia contribui para melhor entendimento sobre a temática em estudo. Diante deste eixo temático problematiza-se com os seguintes questionamentos: é possível que a escola e o currículo continuem centrados nos padrões culturais dominantes e assim, exclui-se ou ignoram-se as contribuições de outras culturas? As “ideias dominantes” para Bourdieu são as “ideias das classes dominantes” ditadas pelos seus objetivos sociopolíticos, pelos seus interesses econômicos, pela sua visão de mundo que prevalecem. Assim, pode-se afirmar que tais ideias, ainda são encontradas nos planos e projetos educacionais da escola pública brasileira?

Palavras-chave: Escola. Desigualdades Sociais. Cultura.

ABSTRACT. This article has as its starting point to discuss issues concerning the school as a locus of reproductions of inequalities. The methodology used was a bibliographical research, and this methodology contributes to a better understanding of the subject under study. Faced with this thematic axis, the following questions are questioned: is it possible that the school and the curriculum remain centered on the dominant cultural patterns and thus exclude or ignore the contributions of other religions? Bourdieu's "dominant ideas" are the "ideas of the ruling classes" dictated by his sociopolitical goals, economic interests, and prevailing worldviews. So, can one say that such ideas are still found in the educational plans and projects of the Brazilian public school?

Keywords: School. Social differences. Culture.

¹ Mestranda em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC. Email: irsonianascimento@gmail.com

² Dr.^a em Educação e professora do Curso de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO. irsonianascimento@gmail.com

INTRODUÇÃO

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) teve como base e paradigma o pensamento de Durkheim e Max Weber. Ele foi um dos primeiros sociólogos europeus a aprofundar os seus estudos sobre a cultura e a sociologia da educação e, conseguiu assim, ser notável nacionalmente e internacionalmente como também, marcar gerações de intelectuais. Teve as suas pesquisas voltadas às sociedades contemporâneas e das relações sociais com diferentes grupos. Para ele a “instituição escola” sempre foi promotora das desigualdades e responsável pela reprodução da cultura dominante. Em seu livro “A reprodução” (1992, p. 11) ele retrata e aponta para a mesma razão de compreensibilidade, ou seja, “os nexos entre o sistema de ensino e a organização das relações entre as classes”.

Bourdieu perseguiu por longo de mais de quarenta anos laborais, a construção de uma sociologia que poderia ser inaceitável para muita gente. Afirmava que a sociologia tinha o triste privilégio de ser cotidianamente afrontada em sua cientificidade e de se revelar e de ser um “problema” pelo fato de revelar coisas ocultas, não imediatamente percebida ou compreendida pelo parecer comum, igualmente a correlação existente entre o avanço e desenvolvimento escolar e a difusão do capital cultural pelas famílias (PEREIRA, 2007).

Objetiva-se com este artigo trabalhar a temática sobre a escola como base de reprodução das desigualdades segundo o olhar crítico de Bourdieu. Entende-se que este é um assunto de grande relevância, como também, um grande e necessário desafio, pois há muito para ser feito e, entender a respeito da diversidade humana e do pluralismo cultural existentes nos espaços educacionais.

A educação brasileira tem mostrado pequenos sinais de avanço e observância da LDB no que consta a educação para todos e, também no exercício dos direitos humanos, porém existem grandes desafios a serem vencidos, como a extensão do acesso à educação básica e de qualidade, bem como o respeito e a valorização da diversidade cultural, tão presentes no espaço escolar.

A diversidade que será relatada neste artigo é a diversidade, cujo sinônimo é a diferença, que são: as diferenças físicas, étnicas, culturais, de gênero dentre outras. Discute-se, também sobre a compreensão, a contemplação e a atuação a respeito dos mecanismos sociais capazes de transformar essas diferenças em desigualdades.

Assegura-se que todos os esforços para entender melhor a respeito dessa temática seja a estrada segura rumo às transformações conceituais e práticas de uma escola mais justa, cidadã e garantidora de uma educação de qualidade e igualitária.

Para Araújo (1998) [...] a escola precisa abandonar um modelo no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais ou diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais (p.44).

Nesta mesma linha de pensamento Pereira (2004) afirma que a escola, infelizmente continua omitindo e ignorando a cultura materna dos grupos minoritários: a escola e o currículo continuam centrados nos padrões culturais dominantes e assim, exclui-se ou ignoram-se as contribuições de outras culturas (p.21).

Assim, o estudo das diferenciações sociais conceberá algumas ferramentas supostamente capazes de explicar as desigualdades que se apresentam entre grupos sociais. Sabe-se que a tradição sociológica não viabiliza apenas uma abordagem e, sim, outras concepções e posicionamentos diferentes.

Contrário aos princípios tradicionais de classificação: poder- prestígio - riqueza Bourdieu visa superá-las sintetizando-as e, ainda apresenta questionamentos em relação a espaço social e aos campos sociais. Para ele é importante munir-se de conceitos e ferramentas que permitam não apenas analisar o cenário dos grupos e de suas relações, mas também ter maior compreensão sobre a disposição à reprodução da ordem social.

O ESPAÇO SOCIAL

Entende-se que o espaço social, além de ser um lugar conflituoso, composto por diferenças e pirâmides é também, hierarquizado pela desigual distribuição dos capitais. E tais diferenças chegam até a “instituição escola”. Assim, a descrição da sociedade a respeito do espaço social enfatiza a dimensão relacional das posições sociais.

Desse modo, os sociólogos utilizam critérios classificatórios com a finalidade de explicar a estrutura social. Assim, a expressão “espaço social” é dispare em relação às representações tradicionais da hierarquização social baseadas num entendimento de escala social perigoso e, totalmente classificatório.

De modo que, este questionamento não é somente redutivo na estratégia empírica, mas também não é apropriado ao plano teórico, que nega que uma classe social não pode decidir-se isoladamente, mas apenas em relação com as outras classes.

Assim, diz Bourdieu pode-se repensar o mundo social sob a condição de espaço arquitetado com bases sólidas de diferenciação ou de distribuição que agem no universo social, sendo assim reputados.

Portanto, pode-se entender e até referir o espaço social como um *locus* pluridimensional com posições que podem ser estabelecidas a favor de um sistema múltiplo de coordenadas das quais correspondem aos valores de diferentes condições apropriadas. Desse modo, os agentes são distribuídos na primeira dimensão, de acordo com o volume global do capital que possuem, já na segunda, conforme a constituição do seu capital, ou seja, de acordo com o peso relativo das diferentes variedades no conjunto³.

Inicialmente, a sociologia apresenta-se como um *lócus* das diferenças construído com bases de princípio de diferenciação ou de distribuição formados pelo conjunto das prioridades que atuam no universo considerado.

[...] os agentes e os grupos de agentes são assim definidos por suas próprias posições relativas nesses espaços. Cada um deles está situado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas, e não se pode ocupar realmente, mesmo que seja possível fazê-lo em pensamento, duas regiões opostas do espaço [...] pode-se descrever o espaço social⁴ como um espaço multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem aos valores de diferentes variáveis pertinentes. Assim, os agentes se distribuem nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda, segundo a composição do seu capital, isto é, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas posições (BOURDIEU, p.1980).

Assim, a posição dos agentes nos espaços das classes sociais subordina-se ao volume e a estrutura do seu capital. Existem diferentes formas de capital, mas é o capital econômico e o cultural que são capazes de oferecer os preceitos de diferenciação mais apropriados para construir o espaço social das sociedades desenvolvidas.

A primeira hierarquização avança na dimensão vertical os grupos sociais segundo o capital que eles dispõem. E funciona de maneira que, situa os padrões, os profissionais liberais, os professores universitários, porém os outros que são mais desprovidos de capital econômico e cultural a eles cabem o ponto mais baixo da escala social.

A segunda age seguindo a estrutura do capital, ou seja, a importância respectiva das duas espécies de capital no volume total deste. Deste modo, podem-se contestar os

³ BONNEWITZ, P In. **Primeiras lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis, RJ, editora Vozes, 2003, p. 5173.

agentes sociais, para os quais o capital econômico prevalece em relação ao capital cultural, àqueles que apresentam propriedades contrárias.

De maneira que, diferenciações suplementares permitem explicar separações internas no centro dos grupos que se encontram estruturados na mesma posição na dimensão social do espaço social. Nesse mesmo aspecto os padrões da indústria e do comércio opõem-se aos professores, os primeiros com mais capital econômico, relativamente ao capital cultural, a medida que, os segundos dispõem mais do capital cultural, relativamente ao capital econômico.

A abordagem dos espaços sociais apresentada por Bourdieu encontra lastro em dois aspectos imanentes. Por um lado, a sociedade mundial está dividida em classes sociais, definidas em uma interpelação inerte e desigual na distribuição de capitais. Por outro lado, a sociedade não é um conjunto consubstanciado, pois ela é composta por vários campos sociais, homologias com a do espaço social, que cuja dinâmica tem haver com os jogos dos participantes.

Porém, estes dois objetos não existem como realidade concreta; pois são gerados pelo trabalho do sociólogo. Assim, esse parecer sobre espaço social adotado por Bourdieu está ligado a uma sociologia relacional, cujo objetivo é o de separar as falsas alternativas, principalmente aquelas que opõem indivíduo e sociedade.

Assim, nesses espaços, a diferença “é o que o outro é”: ele é negro, ele é branco, ele é religioso, ele é deficiente” “é o que está sempre no outro”, que está separado de nós para serem protegidos ou para nos protegermos dele. Em ambos os casos somos impedidos de realizar e de conhecer a riqueza da experiência da diversidade e da inclusão. “A identidade é o que se é”, sou brasileiro, sou negro, sou estudante *et.al.*

A ética, em sua dimensão crítica e transformadora, faz oposição o comportamento conservador da educação e da sociedade porque entende que as diferenças estão constantemente sendo feitas e refeitas e vão diferindo infinitamente. De modo que, essas diferenças são produzidas como acontece habitualmente ou apenas respeitadas e toleradas.

Portanto, uma abordagem participativa e inclusiva deve ter ações educativas com eixos norteadores de convívio com as diferenças e aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz sentido para o educando, pois contempla a sua subjetividade, embora construída no coletivo das salas de aula.

De forma que, relações de poder continuam presidindo e hierarquizando a produção das diferenças na escola, mas a partir de uma lógica que não mais se baseia na

igualdade com categoria assegurada por princípios liberais, inventada e decretada, a priori e que trata a realidade escola como ilusão da homogeneidade, promovendo e justificando a fragmentação do ensino em disciplina, modalidades de ensino regular ou especial, seriações, classificações e hierarquias de conhecimentos.

A ESCOLA E SUAS FUNÇÕES DE CONSERVAÇÃO SOCIAL E DESIGUALDADES

A escola sob a égide da LDB e da Constituição Federal deve ser um local que propicie, além da educação intelectual escolar, seja também um *locus* de boas relações sociais, interação entre culturas e exercício de cidadania. Porém, restringir-se a apenas a esse entendimento é o mesmo que declinarmos de nos questionar a respeito da escola na perpetuação das desigualdades sociais, diz Bourdieu (1998, p.59).

Por certo, continua Bourdieu para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, faz-se necessário que a escola, ignore no campo dos conteúdos do ensino que oferece, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios avaliativos, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Assim, continuando a tratar formalmente de modo igual, em relação aos direitos e deveres, quem tem posicionamento contrário, certamente a escola irá beneficiar de maneira perversa, todos aqueles que já são privilegiados.

Assim, o “espaço educacional” ou a “instituição escola” como um lugar propício às desigualdades, até que a teoria tenta provar o contrário afirmando que este é realmente um espaço social-democrático de conhecimentos, de reciprocidade em relação ao convívio professor, aluno e entre colegas. Porém, esse discurso não se sustenta na prática, pois as ações e comportamentos inclusivos nas escolas brasileiras ainda estão distantes de apresentarem avanços significativos.

Para Bourdieu a escola nunca foi um local neutro, subjetivo capaz de passar uma forma de conhecimento inerentemente superior e, assim qualificaria os seus educandos por meios de padrões universais, mas ao invés disso, seria e estaria totalmente a serviço da reprodução e validação da dominação empregada pelas classes dominantes.

De acordo com o entendimento e defesa de Bourdieu, nenhuma cultura sobressai a outra ou é superior, e ainda tem um agravante, os valores que conduzem cada grupo em suas condutas e atitudes são declaradamente arbitrários, e não são comprovados em nenhuma compreensão objetiva.

Independentemente de arbitrários, a cultura desses grupos seria vista como única e legítima. Igualmente acontece no espaço escolar, diz Bourdieu, pois a cultura distinta, oficial e transmitida pela escola não seria a mais importante de alguma outra. Entende-se que, a importância destinada a ela é arbitrária e sem base objetiva, indiscutível. Mesmo sendo racionária, a cultura escolar seria socialmente legitimada como a cultura única globalmente válida.

Para Frago (2001) a estrutura escolar pode ser considerada para muitos como um programa, uma espécie de discurso que gera na sua materialidade um conjunto de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, limites para a aprendizagem sensorial e motora [...]. (2001, p. 26).

Dessa forma, a escola é um dos lugares onde o palco da diversidade se estende e marca a vida social brasileira. No entanto, herdamos dos tempos coloniais marcas indeléveis de uma cultura machista, arrogante e aniquiladora e, que, cujo objetivo era o de uma cultura sobressair à outra e manter o poder centralizador.

Para Bourdieu e Passeron apud Silva (2002) a dinâmica da reprodução consiste no processo de reprodução cultural, assim é por meio dessa reprodução cultural dominante que é garantida uma reprodução mais ampla da sociedade. Desse modo, a

cultura que tem prestígio e valor social e é justamente a cultura das classes dominantes: seus valores, seus gostos, seus costumes, seus hábitos, seus modos de se comportar e agir. Na medida em que essa cultura tem valor em termos sociais; na medida em que ela vale alguma coisa; na medida em que ela faz com que a pessoa que a possui obtenha vantagens materiais e simbólicas, ela se constitui como capital cultural. [...] Finalmente, o capital cultural manifesta-se de forma incorporada, introjetada, internalizada (p.34).

Devido a isso, a escola continua tendo grandes dificuldades em lidar com a diversidade. De maneira que, as diferenças que deveriam ser algo de crescimento, conhecimento cultural e oportunidades para produzir saberes em diferentes níveis de aprendizagens, tem-se caracterizado como problema de preconceito e de intolerância.

Assim, o espaço escolar constitui-se num sítio cada vez mais plural com alunos advindos de diversas regiões do país, religiões e com culturas e saberes diversos. Para Morin (2001) a cultura é

constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim,

sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas (p.56).

De maneira que, a escola na qualidade e representatividade de uma pequena sociedade, local de convivência de grande diversidade humana, e que pesa sobre si, também a responsabilidade de estruturar cada vez mais e melhor a formação de indivíduos conscientes dos seus deveres, críticos e atuantes, definitivamente não pode ficar alheia. Precisa entender a diversidade de seus cidadãos.

Assim, chega-se ao entendimento, que diante da diversidade de culturas é dever da escola ter objetivos claros e alvos precisos no que diz respeito o que quer alcançar, e como alcançar, mediadas por atividades integradoras, cujos objetivos e resultados que abarquem todos os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou a respeito das questões que envolvem desigualdades, conflitos e violência simbólica no espaço escolar, sob o olhar crítico do sociólogo Pierre Bourdieu e, que segundo esse autor, o maior resultado da violência simbólica exercida pela escola não é apenas o distanciamento da cultura familiar e substituída por outra “dominante”, mas o reconhecimento da superioridade e legitimidade da cultura dominante.

Para Santos (2006) o espaço escolar é entendido como um conjunto de lugares, constituído por elementos como: os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas. É o resultado da práxis coletiva que reproduz as relações sociais, e está associado ao tempo: o espaço testemunha a realização da história, sendo a um só tempo, passado, presente e futuro (p.102).

Ainda falando em relação de valor e importância de espaços Bourdieu (2009, p.84) defende a necessidade de abrir espaços para a criação de lugares de aprendizado, lugares estes onde ambos, professor e estudante, podem conviver em harmonia, igualdade e respeito.

De modo que, as diferenças culturais são presentes na escola em diversas e perigosas formas: são valores simbólicos, regras, padrões, culturas locais, dentre outra toda essa pluralidade aparece no cotidiano da escola. Philippe Perrenoud (2001) afirma que, não há dúvida de que os atuais sistemas de ensino continuam sendo incapazes de

levar em conta as diferenças, a não ser para sancioná-las e transformá-las em desigualdades escolares e, depois, em orientações hierarquizadas (p.114).

Em síntese, pode-se afirmar que o pensamento e as reverberações de Bourdieu a respeito da escola, como produtora de desigualdades partem da constatação que existe correspondência entre as desigualdades sociais e escolares. Assim, diz Bourdieu (1992, p. 52), a pirâmide classificatória continua existindo e, é fácil detectar, que as posições de mais destaques, ou seja, mais prestigiadas estão destinadas aos indivíduos pertencentes aos grupos socialmente dominantes.

Entende-se que, a Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu contribuiu de maneira excelente e basilar e colabora para o rompimento da ideologia do dom e com a percepção padronizada e cheia de mérito pessoal. Assim, a partir de Bourdieu, ficou muito difícil ou quase impossível analisar as desigualdades escolares, com ações simplórias e entendimento que são resultado das diferenças naturais entre os indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNEWITZ, Patrice. Primeira lição sobre a sociologia de P. Bourdieu: espaço e campos. In *Primeiras lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu*. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ, editora Vozes, 2003, p. 5173.

BOURDIEU, P. *O Capital Social: notas provisórias*. Actes de la recherche en sciences sociales, Paris, nº. 31, janeiro de 1980. p.23.

_____. Espaço social e espaço simbólico. In *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. *Escritos de Educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1992.

_____. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. 1ª reimpr. Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2015.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014b.

FRAGO, Antonio Viñao. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Frago, Antonio Viñao e Escolano, Augustín. (Trad. Alfredo Veiga-Neto). 2.ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. pp. 62- 139.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do Trabalho Científico*. Editora Atlas, 7. ed. São Paulo: 2009.

PEREIRA, Gilson Medeiros. A improvável trajetória de um sociólogo enervante. *Revista de Educação*, São Paulo, v.5, Especial Biblioteca do Professor, Dossiê: Bourdieu pensa a Educação, p.06-16,set.2007.